TÍTULO: O ELO (DES) CONSTRUÍDO: juventude, acidente de trabalho, precarização, reabilitação profissional e políticas sociais

Renata Soraia de Paula[1]

RESUMO: O artigo é síntese dos resultados de pesquisa[2] de dissertação, em destaque no primeiro capítulo intitulado *"Quem são os jovens trabalhadores?"*. Trata-se da apresentação do perfil socioprofissional e da acidentalidade da juventude trabalhadora em acompanhamento no Serviço de Reabilitação Profissional (SRP) do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) do Município de Guarulhos/SP, num desafiador exercício analítico entre as narrativas orais de dois jovens trabalhadores sobre os tristes episódio dos acidentes de trabalho que interromperam suas trajetórias profissionais, os fenômenos do mundo do trabalho na contemporaneidade, bem como os desafios desse serviço previdenciário e das políticas sociais direcionadas ao segmento juvenil. Para tanto, foi realizada revisão de literatura bibliográfica, pesquisa documental em fontes primárias e secundárias, inclusive, em bancos de dados atualizados para levantamentos estatísticos, os quais subsidiaram a pesquisa qualitativa com base na história oral temática.

Palavras-Chave: Precarização do Trabalho, Previdência Social, Reabilitação Profissional, Acidente de Trabalho e Juventude.

TITLE: The (un) constructed link: youth, work accident, precariousness, professional rehabilitation and social policies

ABSTRACT: The article is a synthesis of the results of the dissertation research[3], highlighted in the first chapter entitled "Who are the young workers?". It is about the presentation of the socio-professional profile and the accidentality of young workers being monitored at the Professional Rehabilitation Service (SRP) of the National Institute of Social Security (INSS) of the Municipality of Guarulhos/SP, in a challenging analytical exercise between the oral narratives of two young workers about the sad episode of accidents at work that interrupted their professional trajectories, the phenomena of the contemporary world of work, as well as the challenges of this social security service and social policies aimed at the youth segment. Therefore, a literature review was carried out, as well as documentary research in primary and secondary sources, including updated databases for statistical surveys, which supported the qualitative research based on thematic oral history.

Keywords: Precarious work, Social Security, Professional Rehabilitation, Work Accident and Youth.

---

[1] Autora: Renata Soraia de Paula, assistente social do INSS Guarulhos/SP, mestre em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e em Avaliação e Gestão de Políticas Sociais pela

[2] Dissertação de mestrado "O elo (des)construído: trajetórias de jovens trabalhadores acidentados no contexto do mundo do trabalho e da reabilitação profissional do INSS", defendida em 16/09/2019, sob a orientação da Professora Dra. Maria Lúcia Martinelli.

[3] Dissertation: "The (de)constructed link: trajectories of injured young workers in the context of the world of work and professional rehabilitation of the INSS", defended on 09/16/2019, under the guidance of Professor Dr. Maria Lúcia Martinelli.

1. INTRODUÇÃO

A análise centra-se nas experiências da política previdenciária, no sentido de suas repercussões sociais nas formas de ser e de pensar de jovens trabalhadores lesionados e mutilados nos ambientes de trabalho. Fundamentamos os dados na pesquisa nacional sobre o perfil da juventude brasileira, parte do Projeto Juventude[4], e nas análises de entrevistas narrativas com dois jovens trabalhadores acidentados no trabalho e participantes do Serviço de Reabilitação Profissional (SRP)[5] do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) da Agência da Previdência do Município de Guarulhos em São Paulo.

Observa-se que as possibilidades de escolhas educacionais e profissionais sempre foram limitadas para uma parcela expressiva dos jovens brasileiros, principalmente, pelas necessidades impostas às suas origens sociais. Ao ouvir as narrativas dos jovens trabalhadores, evidenciam-se marcas e rupturas oriundas da desigualdade social e da condição de vulnerabilidade a que foram e continuam sendo submetidos ao longo de suas trajetórias de vida.

> Essa vulnerabilidade é tanto mais intensa: a) quanto maior seja a precariedade das condições de vida; b) quanto menos estabelecido estiver, no contexto nacional examinado, o respeito aos direitos humanos fundamentais e à cidadania. (SELIGMANN SILVA, 2011, p. 136).

Com relação aos acidentes de trabalho, sabe-se que normalmente as empresas e o Estado responsabilizam-se pelo pagamento de indenizações aos trabalhadores, muitas vezes por determinação judicial. Mas tais recursos não resolvem as graves consequências psicossociais na vida d trabalhadores vítimas de acidentes e doenças relacionadas ao trabalho, pois necessitam, por um longo período ou permanentemente, do Poder Público, ou melhor, do Estado, por meio de políticas públicas de atenção e reparação à saúde, ao trabalho, à educação, à cultura, ao lazer etc.

---

[4] Segundo Abramo e Branco (2005) "o projeto juventude buscou propiciar mudanças e avanços na maneira de os poderes públicos compreenderem as demandas da juventude nas múltiplas dimensões envolvidas: trabalho, educação, saúde, cultura, lazer, esportes, vida artística, sexualidade, direitos, participação, segurança e várias outras", realizado pelo Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo.

[5] Conforme a Constituição Federal de 1988, artigo 203 e a Lei 8.213/1991 artigo 89, o serviço de reabilitação profissional é " assistência (re)educativa e (re)adaptação profissional que visa proporcionar aos beneficiários incapacitados, parcial ou totalmente para o trabalho, os meios indicados para proporcionar o reingresso no mercado de trabalho e no contexto em que vivem".

2. Apresentação dos jovens e perfil socioprofissional e da acidentalidade[6]

Mauro, solteiro, 28 anos	**César, solteiro, 24 anos**
- Profissão atual: Motoboy - Experiências profissionais: prensista, operador, motoboy - Trabalhador do setor de serviços (empresa de pequeno porte) - Acidente de motocicleta - Diagnóstico: sequela no braço e perna esquerda - Em reabilitação profissional há 4 anos (empresa não ofereceu outro posto de trabalho, estudando radiologia por conta própria e aguardando resultado da prova da ETEC).	- Primeira e única experiência profissional: auxiliar de produção - Trabalhador do setor da indústria (empresa de grande porte) - Acidente operando a máquina - Diagnóstico: sequela de plexo braquial direito (braço direito inoperante) - Em reabilitação profissional há 4 anos (empresa não ofereceu outro posto de trabalho, estudando teologia por conta própria e cursos EAD na área de tecnologia - manutenção de computadores e outros).

Atualmente, fazem parte do programa profissional[7] do SRP do INSS do Município de Guarulhos/SP, aproximadamente 1.400 trabalhadores, sendo que 1.050 (75%) estão afastados por doenças de qualquer natureza e 350 (25%) por acidentes[8] de trabalho e doenças relacionadas ao trabalho. Dentre esses, são 37 jovens em programa de reabilitação profissional, na faixa-etária de 18 a 29 anos, sendo 35 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, e 25 jovens declaram-se solteiros e 12 jovens declaram-se casados.

Para acompanhamento desse contingente de trabalhadores segurados, contamos com uma equipe multiprofissional de 8 profissionais de referência: 4 assistentes sociais, 2 psicólogas, 1 fisioterapeuta e 1 terapeuta ocupacional.

Neste estudo, o acidente típico de trabalho, considerado quando acontece no local e no horário de trabalho, representou 73% e o acidente de trajeto, que ocorre no percurso residência-trabalho-residência, representou 27% dos afastamentos entre os jovens trabalhadores. As doenças relacionadas ao trabalho são reconhecidas quando o histórico da doença está relacionado à atividade

[6] Apresentação dos jovens trabalhadores entrevistados e levantamento quantitativo, a partir de fontes primárias e secundárias sobre a Reabilitação Profissional da APS da cidade de Guarulhos/ SP.
[7] Consulta, realizada em 05 de junho de 2019, ao Boletim Estatístico de Reabilitação Profissional (BERP), 2019.
[8] Cabe registrar que acidente é aquele que ocorre durante o exercício do trabalho, na forma de lei, provocando lesão corporal ou perturbação funcional levando à perda ou redução da capacidade laborativa (permanente ou temporária).

profissional e compõem o universo de afastamentos por acidentes de trabalho, mas nesta modalidade, não houve nenhum afastamento na faixa-etária pesquisada.

Quanto a renda mensal do benefício de afastamento por acidente de trabalho: 81% dos jovens recebem de 1 a 2 salários mínimos, 14% recebem até um salário mínimo e 5% recebem acima de 2 salários mínimos. No tocante à escolaridade dos jovens, 46% têm ensino médio completo; 22% está no 1º ano do ensino médio; 14% têm ensino fundamental completo; 8,5% têm nível superior incompleto. Ainda, a partir dos levantamentos realizados pelos orientadores socioprofissionais, dentre os cursos técnicos de interesse dos jovens trabalhadores, destacam-se: informática, logística, segurança do trabalho, radiologia e eletricista de automóveis.

A pesquisa aponta que 62% dos jovens trabalhadores estão vinculados a empresas de médio e grande porte, 22% a empresas de pequeno porte e 16% a microempresas[9]. Cabe ressaltar que somente as empresas de médio e grande porte têm obrigatoriedade de cumprimento das cotas para pessoas com deficiência, portanto, do total de 37 empresas pesquisadas, 23 empresas têm a responsabilidade de preenchimento das cotas. A Lei 8.213/91, artigo 93, determina: 2% de cotas de 100 a 200 empregados e 3% de cotas de 201 a 500 empregados (empresas de médio porte); 4% de cotas de 501 a 1.000 empregados e 5% de cotas a partir de 1.001 empregados (empresas de grande porte).

Os ramos de atividade[10] que mais acidentaram os jovens trabalhadores: o setor de "comércio" está em primeiro lugar com 39%; o setor da "indústria" em segundo com 30%; em terceiro lugar, o setor de transportes, que pode somar-se ao setor de "serviços" com aproximadamente 24%; e por último, o setor de "construção civil" com aproximadamente 6%.

3. Desemprego, mercado de trabalho e juventude: o que pensar?

Segundo o sociólogo Ruy Braga[11], o número de jovens que nem estudam e nem trabalham (conhecidos como os *"nem nem"*), no Brasil, subiu de 7 milhões para 12 milhões no ano de 2019, e o desemprego juvenil representa a taxa mais elevada no mundo inteiro. Esses dados demonstram o quanto o mercado de trabalho está

---

[9] Consultas ao site da Receita Federal. Disponível em: <http://receita.economia.gov.br/orientacao/tri butaria/ cadastros/consultas-cnpj>. Acesso em: mai. 2019.

[10] Consultas ao site da Receita Federal. Disponível em: <http://receita.economia. gov.br/orientacao/ tributa ria/cadastros/consultas-cnpj>. Acesso em: mai. 2019.

[11] Em palestra proferida em 06 de maio de 2019, no programa jornalístico Globo News Painel. Disponível em: <www.g1.com.br/globonews>. Acesso em: 06 jun. 2019.

desperdiçando essa força de trabalho, causando efeitos deletérios do ponto de vista social para a juventude brasileira, principalmente, com relação à inserção profissional no mercado de trabalho, agravada pela desigualdade social e as novas tecnologias. Braga aponta a educação como caminho, assumindo esse papel, conectada à agenda de emprego do País.

Adentrando os resultados da pesquisa, observa-se que do montante de 27 empresas que já responderam para o INSS, 88,5% negaram a readaptação profissional dos jovens trabalhadores e 11,5% ofereceram outra função para readaptação, porém, os resultados dos treinamentos foram insatisfatórios, no cumprimento dessa etapa do programa profissional. Cabe ressaltar que normalmente as empresas negam vagas em outra ocupação para os seus funcionários, porque não têm a obrigatoriedade de cumprir a lei de cotas ou não dispõem de funções compatíveis com as limitações clínicas dos trabalhadores.

Posto isso, esse resultado nos faz pensar que os jovens, ao concluírem o programa de reabilitação, mesmo com qualificação profissional para exercerem outra profissão, obrigatoriamente têm que retornar para as suas empresas de vínculo, as quais negaram a readaptação no início do programa. Em consequência disso, as possibilidades são relativamente altas de entrarem para as estatísticas de jovens desempregados e com agravos às condições de saúde (sequelas e deficiências), além das consequências psicossociais para o desenvolvimento pessoal, profissional e social, após os acidentes de trabalho.

Outro resultado significativo para reflexão, é que o número de afastamentos dos jovens trabalhadores é relativamente baixo para essa faixa-etária: apenas 10,6% do total de 350 trabalhadores afastados por acidente de trabalho em programa de reabilitação da cidade de Guarulhos.

De fato, esse resultado está distante da realidade de muitos trabalhadores jovens, que encontram-se nas mais diversas modalidades de emprego, como, por exemplo, na informalidade (contrato por dia, intermitente por horas e até contrato zero hora). Há, ainda, os trabalhos precarizados, os quais, mesmo com registros de acordo com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), temporários ou terceirizados, não estão no Regime Geral de Previdência Social (RGPS), uma vez que existe um elevado número de acidentes de trabalho subnotificados pelas empresas. Em outras palavras, observa-se que muitos jovens trabalhadores sofrem

algum tipo de acidente de trabalho e nem constam nas estatísticas previdenciárias, visto que uma parcela significativa deles sequer trabalha com registro em carteira.

A partir da entrevista com o jovem Mauro, após o relato de suas experiências profissionais em empregos formais e informaisdestacamos a sua reflexão sobre o mercado de trabalho atual:

> (...) Eu, ah...sempre tem que acreditar na esperança. Que vai melhorar. Ah...você vê que cresceu nos últimos tempos bastante esse negócio de informalidade. Sim, é está aumentando e a moto sempre foi assim, eu não sei por que, eu não sei se fica caro para a empresa (...) teve também essas empresas *start up* agora vir para o Brasil, e você vê muita gente que...como é que fala? Devido ao desemprego comprou uma moto e vou me cadastrar no aplicativo (...) (Mauro).

Mauro destaca, ainda que, o trabalho informal sempre dominou o mercado de trabalho para a categoria de motoboys e acredita que seja em função da redução de despesas com direitos trabalhistas para as empresas. Também relaciona o aumento da informalidade com a entrada das empresas de aplicativos no mercado, atraindo os jovens motoboys desempregados.

Diante do cenário atual de desemprego, informalidade e precariedade, dominando as possibilidades de trabalho para a juventude, indaga-se: a) o que fazer diante do descaso das empresas em absorver essa demanda de trabalhadores com deficiência? b) Qual a esperança de trabalho decente e digno para esses jovens?

4. Condições e organização do trabalho: para quem?

A partir dos acompanhamentos de orientação socioprofissional, observa-se que os acidentes de trabalho com jovens trabalhadores ocorrem num curto tempo de experiência profissional nas empresas. Segundo os dados pesquisados, 65% dos jovens acidentaram-se com menos de um ano de empresa, 19% entre 1 e 2 anos e 16% com mais de 2 anos. Desse modo, percebe-se que as condições degradantes e a própria organização do trabalho, impostas aos trabalhadores, corroboram a ocorrência desse grave fenômeno do mundo do trabalho.

As situações de trabalho dos dois jovens trabalhadores entrevistados eram: César, trabalhava como auxiliar de produção numa grande empresa no setor da indústria, e Mauro, trabalhava como motoboy numa pequena empresa no setor de serviços de transportes:

> Eu entrei na empresa aonde eu começo a trabalhar, acabou mudando o rumo da minha trajetória. Foi ali que eu acabei sofrendo um acidente, (...) acabou finalizando ali, as coisas estavam acontecendo muito rápido para mim, eu acabei me destacando na empresa eu era muito esforçado,

> comecei como auxiliar de dentro de produção, e pelo meu esforço e dedicação fui promovido, eu ia ser promovido a (...) operador de máquina (...) estava fazendo até o treinamento já para receber essa promoção, e com cinco meses que eu estava ali trabalhando, tinha acabado de passar da experiência que era três meses, acabei sofrendo um acidente (César).

Para César, o seu esforço e a sua dedicação foram aspectos que possibilitaram rapidamente a sua promoção de auxiliar de produção[12] para operador de máquina[13]. Conforme as definições das funções, segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), auxiliar de produção não é responsável pelo controle dos equipamentos de produção. Evidencia-se que a empresa foi negligente: o jovem foi desviado de sua função e, após apenas um rápido treinamento de uma semana, assumiu sozinho a responsabilidade de operar uma máquina, sem treinamento adequado, formação ou experiência mínima para exercer tal função.

Em síntese, a partir das análises dos relatos sobre as características das empresas nos respectivos ramos de atividades dos jovens, a empresa de grande porte do ramo industrial foi vendida para outra empresa bem conhecida no mercado, cujos produtos fabricados também são exportados para outros países e as exportações trazem maiores investimentos para o Brasil. E no ramo de serviços, muitas empresas de pequeno porte estão falindo, porque com a chegada das grandes empresas de outros países uma demanda grande de trabalhadores motoboys é absorvida por esse novo mercado de serviços por aplicativos.

Segundo análise de Giovanni Alves, esta é a lógica das grandes empresas no atual estágio de desenvolvimento capitalista,

> Ora, o novo complexo de reestruturação produtiva, que surge sobre a acumulação flexível e que possui vínculos sociometabólicos com a acumulação por espoliação, é um elemento compositivo do novo estágio do desenvolvimento capitalista que Chenais irá denominar "mundialização do capital" e a qual ele identifica com a constituição de um "regime de acumulação predominantemente financeirizado". O que (...) incrementou a velocidade, intensidade e amplitude ser-precisamente-assim do capital, propiciando, desse modo, um salto qualitativo em seu potencial ofensivo sobre o trabalho assalariado. (CHENAIS,1998 *apud* ALVES,2011, p.29-30).

Assim, verifica-se que esse regime de acumulação por espoliação, na era da acumulação flexível, é ainda mais perverso, porque expressa a precarização total das condições de trabalho e a exploração sem limites do trabalhador.

---

[12] Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), preparam materiais para alimentação de linhas de produção; organizam a área de serviço; abastecem linhas de produção; alimentam máquinas e separam materiais para reaproveitamento.

[13] Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), é responsável pelo controle dos equipamentos de produção, promovendo o desenvolvimento de produtos de modo que prepare materiais para alimentação de linhas de produção, organize a área de serviço, abasteça linhas de produção, alimente máquinas e separe materiais para reaproveitamento.

Na análise de Alves (2013), o toyotismo como ideologia orgânica da produção de mercadorias surgiu no bojo da maquinofatura, na medida em que a "captura" da subjetividade do homem-que-trabalha pelo capital tornou-se o seu nexo essencial. O capitalismo manipulatório inaugura a era da maquinofatura como derivação lógica (e ontológica) da grande indústria.

Refletindo sobre a situação do jovem César, a captura da sua subjetividade, pode ser interpretada, a partir do momento em que a empresa promete que será promovido rapidamente para operador de máquina, bem como que o outro trabalhador, responsável pelo treinamento, também assumirá outra máquina. Em sua narrativa o jovem, repetidamente, menciona que estava no treinamento para receber a promoção. Essa ideia, em seu imaginário ainda sem experiência profissional, lhe traz satisfação e expectativas, as quais ocultam a percepção dos perigos e dos riscos no ambiente laboral bem como da condição de superexploração imposta pela organização do trabalho.

Em relação a Mauro, o jovem relata que em sua experiência, trabalhando para um restaurante, recebia uma taxa em dinheiro por dia e por entregas de marmitex, então, quanto mais entregas ele fazia, mais ele ganhava, porém sem nenhum contrato de trabalho. Exige-se produtividade para aumentar os ganhos e, nessa corrida para ganhar mais dobra-se a jornada de trabalho diária, além de aumentar os riscos de acidentes. Na agência de motoboys, o jovem também trabalhou na informalidade e recebia um valor fechado por dia.

Nas palavras de Antunes (2018), estamos numa nova fase de desconstrução do trabalho sem precedentes em toda a era moderna, aumentando os modos de ser da informalidade e da precarização. "*Se no século XX presenciamos a vigência da era da degradação do trabalho, na transição para o século XXI passamos a estar diante de novas modalidades e modos de ser da precarização e a terceirização tem sido um dos seus elementos mais decisivos"* (ANTUNES, 2018, p. 156).

> O trabalhador no caso motoboy tem que se ligar que talvez aí ele tava registradinho e lá na onde ele entrou não, então ele tá perdendo o direito dele. (...) Que às vezes você perde direito a uma cesta básica que aqui dá, ali não, (...) e vai para os aplicativos ele tem que ter noção que eles estão perdendo o direito deles (...). Na hora que acontecer algum acidente, eles não vão estar cobertos(...). Não sei, que é tipo a coisa parece que está mudando parece que está aumentado essa coisa de PJ que chama que é pessoa jurídica, esses negócios de MEI tal (...)por que essas empresas deu tanto certo, tão certo? Porque...Ah eu não sei como é que funciona, mas a Uber abriu o capital dela agora né? Então ela tá na bolsa de valores (...) (Mauro).

Na passagem acima, o jovem Mauro questiona sobre as novas modalidades de trabalhos precários, como alternativas ao desemprego: a "pejotização"[14], o micro empreendedorismo individual e a "uberização"[15], ou seja, o trabalhador individual é obrigado a ser empresário de si mesmo, seguindo a lógica das inovações tecnológicas, geridas por grandes empresas que estão nesse nicho de mercado, cujos capitais estão aplicados no mercado especulativo, como por exemplo, as empresas de "uber"[16]. Enfim, após todas as reflexões sobre as novas modalidades de empregos, o jovem defende que a melhor opção é o trabalho formal com garantia de direitos trabalhistas e previdenciários.

5. Trabalho e saúde: relação ainda possível?

Medicina do trabalho, Saúde Ocupacional e Saúde do Trabalhador são mais do que três disciplinas voltadas para um mesmo objeto: constituem três abordagens distintas. Historicamente, o consenso tradicional aponta que surgiu primeiro a *Medicina do Trabalho* e que ela abrigou a análise das causas e danos referentes aos acidentes de trabalho, a investigação de agentes etiológicos de patologias laborais e a implementação de medidas de proteção aos trabalhadores (WAISSMANN, 2000 *apud* SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 110).

Segundo Seligmann-Silva (2011), a Saúde Ocupacional geralmente é adotada nas empresas e segue a lógica positivista, com embasamento causa-efeito, sem considerar a complexidade dos acidentes e das doenças relacionadas ao trabalho em suas dimensões social e subjetiva. Já o campo que diz respeito à saúde em sua relação com o trabalho assume distintas visões de ordem política e ideológica. No Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) assumiu *Saúde do Trabalhador* enquanto denominação correspondente ao objetivo da área.

Desse modo, a partir das narrativas do jovem César, reafirmamos o quanto a empresa praticou sucessivas negligências, ao descumprir suas obrigações com relação à saúde e às medidas de proteção aos trabalhadores. Então, qual é, afinal, o papel dos setores de Saúde Ocupacional e de Segurança e Saúde do Trabalhador

---

[14] De modo simplificado, essa expressão caracteriza a ampliação dessa forma de contratação de empregados pelo empregador, através da abertura de Pessoa Jurídica (CNPJ), mesmo que o trabalhador seja Pessoa Física (CPF).

[15] De acordo com o filme GIG A Uberização do Trabalho, do projeto Repórter Brasil, um dos cineastas é o Cauê Angeli, "Uber" é um novo sistema de regulação das relações de trabalho com mediação de aplicativos tecnológicos, como por exemplo, dos motoristas por aplicativos, empregadas domésticas e pode estender-se para muitas profissões no século XXI.

[16] Sinônimo de empresas de transporte com mediação de aplicativos tecnológicos de conexão.

nas empresas? Ademais, “Os acidentes de trabalho, quando acontecem como decorrências da negligência das empresas, configuram um tipo de violência que, pela definição da OMS, deve ser reconhecido como problema de saúde pública” (DAHLBERG; KRUG, 2006 apud SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 304).

> (...) A empresa quando passei o período de cicatrização do meu braço, eu passei esse período e precisei fazer fisioterapia. A empresa, ela arcava com os recursos de transporte, só que aí o tempo foi passando a empresa acabou deixando de lado, (...) eles pagavam para mim o táxi para mim tá se locomovendo que é mais fácil, e passando um tempo eles cortaram esses benefícios e acabou dificultando para mim, e até mesmo tempo foi passando eles cortam o meu recurso do convênio, então começou bem e depois houve sim uma decadência(...). Foi caindo, eles foram meio que me deixando de lado, isso aí me prejudicou bastante (César).

Na reabilitação profissional é comum que, com o passar do tempo, as empresas cancelem o convênio médico dos trabalhadores. Além disso, mesmo que o trabalhador esteja bem para o retorno ao trabalho, muitas empresas preferem manter o trabalhador afastado pelo INSS. Como César, muitos trabalhadores relatam seus sofrimentos ao sentirem-se descartados pelas empresas, às quais tanto dedicaram-se enquanto tinham saúde para o trabalho.

Com relação às repercussões psicossociais (sofrimento, rupturas na construção inicial de sua identidade profissional, isolamento social etc.) após o acidente, destacamos o depoimento do jovem César:

> (...) E aí poucos dias depois do acidente, eu fiquei sabendo que o acidente foi um pouco mais grave do que eu pensei, porque eu acabei tendo uma lesão de plexo braquial e perdendo movimentos do meu braço e as minhas perspectivas de engrenar, fazer o curso entrar na área de hardware acabou sendo cortado (...) (César).

O jovem César explicita sua difícil aceitação do acidente até os dias atuais e que sua vida foi marcada por sofrimentos e dificuldades, salientando as suas estratégias psicológicas para superação do trauma.

> Devido a minha limitação isso é um fato, só que eu sempre fui uma pessoa muito esforçada, é difícil você se adaptar à situação, você não consegue se acostumar e aceitar, mas eu sempre fui uma pessoa que a vida sempre me ofereceu muito sofrimento e eu sempre consegui me sobressair, sempre conseguia me adaptar essas coisas e consegui me esquivar, então sempre eu conquisto as coisas na base do esforço e se a vida tá me oferecendo mais uma vez essas dificuldades, mais uma vez eu vou tentar vencer essas coisas, utilizando meu esforço a força de vontade(...) (César).

Segundo Dejours (2015), em certas condições emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre uma *história individual*, portadora de projetos, de esperanças e de desejos, e uma organização do trabalho que os ignora. Esse sofrimento, de natureza mental, começa quando o homem, no trabalho, já não pode

fazer nenhuma modificação na sua tarefa, no sentido de torná-la mais de acordo com as suas necessidades fisiológicas e seus *desejos* psicológicos, isto é, quando a relação homem-trabalho é bloqueada.

Nos próximos depoimentos, Mauro indica elementos sobre as condições de trabalho e a exposição aos riscos laborais à saúde:

> Ah assim é aquela adrenalina. Porque no trânsito igual eu falei a gente passa muito pelo corredor sempre atenção lá (...).Tipo assim a gente anda muito no corredor motoboy anda muito no corredor, quando você tá iniciando o trabalho, você é jovem entrei jovem então é, você não passou por muita coisa, então você no corredor que é o certo você andar menos que 40 já é arriscado não, você vai andar a 80, sei lá você vai andar a 60 por hora, que você não tem a bagagem do cara que de 5 anos, de 3 anos tem (...) Então, uma coisa que aumenta também eu acho que os acidentes tal é isso aí, é cara que chegando muito, cara que perdeu o trampo, o outro não tá satisfeito com o trampo sai, ah não, vou para rua, esse cara não tem a bagagem de 2, 5 anos tem, então eu acho que influencia (...) (Mauro).

Para ele, normalmente o jovem motoboy gosta de adrenalina, por isso corre um pouco mais do que o permitido, mas também porque muitas vezes trabalham em duplas jornadas (dia e noite) para melhorar a renda. E somente com o tempo de experiência terá mais consciência dos riscos da profissão.

> Ele entra já nesse círculo vicioso, tem um de dia, também arruma um à noite, aí ele vê que, tipo, ele se cansa muito rápido(...) Você tá pondo sua mão de obra, seu tempo, que o tempo é precioso, tempo não se recupera e o risco né? Em consequência a saúde, porque a gente tá sol e chuva sol, sol e chuva direto, né? Que a gente, pô tá calor, tá calor ah você tá só de camiseta, mas não sabe que aqui você pode ter pego câncer de pele.(...) A mão fica diferente, você pegar a mão de quem é um motoboy você pegar na mão de quem trampa em firma, é diferente, exposto ao sol direto (Mauro).

Mauro desabafa em seu depoimento que, mesmo gostando muito da profissão de motoboy, tem consciência dos riscos à sua saúde e já espera quando concluir o programa e retornar para a empresa, esperar a estabilidade de um ano, pois já sabe que não terá outra ocupação para ele. Assim, pretende sair da empresa e buscar outro emprego formal, pois está estudando para ter outra profissão.

> Gosto muito de moto, então se eu conseguir arrumar um serviço, eu ser... ah, vamos supor... aquele curso não consegui passou um ano, não consegui tive que voltar para a empresa, vou trabalhar aquele ano ali ainda, mas a hora que eu puder eu vou sair fora, vou sair fora porque é aquilo você pensa em ganhar mais, mas a sua saúde tá indo embora, a saúde tá indo embora (...) (Mauro).

Outro dado relevante da pesquisa revela que as doenças relacionadas ao trabalho não aparecem para a totalidade dos jovens trabalhadores entre 18 e 29 anos, conforme o levantamento do perfil sócio profissional da acidentalidade. Desse modo, há um ocultamento das doenças relacionadas ao trabalho para esse universo

pesquisado de trabalhadores, mas possivelmente essas doenças existam no universo dos alarmantes índices de subnotificações das empresas e do INSS.

6. Educação, cultura e sociabilidade: alternativas possíveis?

As pesquisas do Projeto Juventude reuniram esforços de muitos pesquisadores e políticos para a construção de um debate nacional na tentativa de implementar políticas públicas voltadas para os jovens, mais precisamente, a partir dos anos 2003, num período histórico de construção de políticas de inclusão social no Brasil, logo no início do primeiro mandato do ex-presidente Lula.

De acordo com a pesquisa nacional sobre o perfil da juventude brasileira, os jovens, ao serem indagados sobre quais são os assuntos que mais lhe interessam atualmente, deram as seguintes respostas (primeiras colocadas):

> 38% escolheram educação;
> 37%, emprego/ atividades profissionais;
> 27%, cultura/ lazer;
> 21%, esportes/ atividades físicas.
> (ABRAMO; BRANCO, 2005, p. 139-140).

Observa-se que 75% dos jovens escolheram a educação e o trabalho; 65% escolheram a educação e a cultura e 49% escolheram a cultura/lazer e esportes como assuntos que mais lhes interessam. A partir do diagnóstico, inferimos que:

> A enorme relevância para os jovens do trinômio educação-cultura-emprego, de tal maneira que não se deverá acolher como autorizadas as leituras mais simplificadoras que se limitem a associar as preocupações com o trabalho a iniciativas voltadas para a constituição de uma demanda por força de trabalho estimulada por atividades e/ou ocupações apenas restritas ao mundo da agregação de mais valor de mercado. (ABRAMO; BRANCO, 2005, p. 240).

Em suma, o papel da orientação (social e profissional) aos jovens não deve limitar-se apenas a prepará-lo para o mercado de trabalho. Os dados demonstrados acima sugerem a integração das políticas sociais e que atuem a partir de uma perspectiva de educação para a cidadania.

A fim de pensarmos os desafios das políticas de juventude, destacamos:

> Antes do acidente eu era muito ativo (...).eu praticava muito esporte, tanto que lá em casa se deixar é 24 horas no canal de esporte como eu falei para senhora, eu tive o sonho em ser um jogador de futebol eu gosto disso, hoje também passei a gostar também de basquete ou acompanho, então nessa parte assim eu sou muito ligado. E antes do acidente era muito ligado isso desde que abandonei o futebol, sempre no tempo livre eu tento procurar praticar esportes essas coisas, sempre gostei então eu me dava bem, uma pessoa bem sociável (...) Era bem ligado às pessoas, relacionamento com as pessoas muito bem, hoje essas coisas todas são limitadas em questão do esporte, essas coisas todas eu acompanho, mas hoje é um pouco...é difícil para mim a prática (...) (César).

O jovem, na adolescência, praticava atividades esportivas (futebol e basquete) e, com isso, exercia a convivência em grupo, conforme ele afirma, antes do acidente era muito ativo e sociável. Observa-se que esse interesse pelo esporte ainda é presente em sua vida, quando diz acompanhar os esportes pela televisão, no entanto, nota-se que, após o acidente de trabalho, ocorre uma transferência da sociabilidade pública para a esfera privada. Portanto, a família é o seu lugar privilegiado de convivência social, sente-se muito bem e acolhido na esfera familiar. Mantém relações com alguns amigos e salienta que eles aceitam bem a sua deficiência.

Importante relembrar o histórico inicial do jovem na Reabilitação Profissional, o quanto a dimensão do isolamento social contribuiu para a não adesão aos tratamentos de reabilitação física e emocional no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) e continuidade no curso profissionalizante presencial. Hoje, o jovem César já consegue fazer um curso de teologia presencial, mas, com relação ao programa profissional de reabilitação, adaptou-se melhor na modalidade de educação à distância na área de tecnologia. Posto isso, nota-se que a sua sociabilidade na esfera pública permanece limitada após o acidente.

Durante entrevista, Mauro também considera a convivência familiar como sendo o principal espaço dentre as suas relações sociais. Nunca participou de grupos de jovens, mas destaca a importância da participação logo no início da adolescência. De acordo com BRENNER; DAYRELL, CARRANO (2015, p. 177):

> a convivência em grupos possibilita a criação de relações de confiança; desse modo, a aprendizagem das relações sociais serve também de espelho para a construção de identidades coletivas e individuais.

O jovem Mauro ressalta ainda, a importância da orientação profissional logo no início da adolescência, dentre outras atividades importantes como: esportes e idiomas, talvez no contraturno escolar para que seja acessível para todos os jovens.

7. Considerações finais

Diante do cenário apresentado, conclui-se que, possivelmente, a totalidade dos 37 jovens trabalhadores pesquisados, compõe o contingente populacional em condições de trabalhos precários. As narrativas das trajetórias profissionais dos dois jovens entrevistados, cujas experiências profissionais foram na informalidade e

mesmo em empresas com vínculos formais, evidenciam à exposição aos riscos laborais e às condições degradantes dos ambientes de trabalho.

Nota-se uma invisibilidade da juventude comparada aos demais trabalhadores em acompanhamento no Serviço de Reabilitação Profissional do INSS, que justifica-se pelos alarmantes índices de subnotificações de acidentes de trabalho e de jovens trabalhadores na informalidade, uma vez que não são computados pelo RGPS.

Dessa maneira, ao concluir as análises dos jovens trabalhadores, entendemos que o conceito de "precariado" construído pelo sociólogo brasileiro Ruy Braga[17] e de conceito de "superpopulação relativa" do filósofo Karl Marx[18] explicam esse contingente de trabalhadores. Para Braga (2012), o precariado compõe a parcela urbana e rural de trabalhadores com pior remuneração, então, seria o proletariado mais precarizado, excluindo os trabalhadores mais pauperizados e o lupemproletariado.

Dito isso, tornam-se imprescindíveis ações concretas e permanentes do Estado (Ministérios Público do Trabalho, da Previdência Social e do Trabalho e órgãos afins), dos sindicatos e da sociedade civil em geral, a exemplo das campanhas já realizadas pela pastoral operária ligada à Igreja Católica, a FUNDACENTRO e a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA) para a ampliação da fiscalização, da sensibilização e da visibilidade da problemática dos acidentes e doenças relacionadas ao trabalho e da SST, bem como, para que as empresas cumpram as cotas de contratação de trabalhadores com deficiência ou reabilitados do INSS.

Isto posto, ressaltamos a importância de políticas sociais como a Reabilitação Profissional, dentre outras, a fim de garantir o acesso a uma formação educacional e cultural para posterior reinserção profissional no mercado de trabalho, de maneira minimamente digna e protegida, conforme o trabalho decente defendido pela OIT: "*aquele desenvolvido em ocupação produtiva, justamente remunerada e que se exerce em condições de liberdade, equidade, seguridade e respeito dignidade da pessoa humana* (BARZOTTO, 2019, p. 60)". O debate sobre o serviço de reabilitação profissional com centralidade nas políticas sociais voltadas ao

---

[17] Em detalhes no livro de Ruy Braga. A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista. São Paulo: Boitempo: USP; Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2012, p. 17-27.

[18] Ver detalhes "Diferentes formas de existência da superpopulação relativa. A Lei geral da acumulação capitalista" in Karl Marx, *O Capital: Livro 1*. São Paulo: Boitempo, 2013 (Marx e Engels), p. 716-723.

segmento juvenil, vislumbram possibilidades de ações intersetoriais e educativas de proteção integral aos trabalhadores reabilitados e com deficiência.

Por fim, defende-se que, as saídas contra a precarização estrutural do trabalho e a superexploração dos trabalhadores, na atual época histórica de avanço do capitalismo mundial, só serão possíveis com o avanço das lutas sociais do trabalho, no Brasil e no mundo, em busca da construção de outra ordem societária anticapitalista ou socialista, verdadeiramente humana, justa e livre**.**

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira:** análises de uma pesquisa nacional. 1 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

ALVES, G. **Dimensões da Precarização do Trabalho**: ensaios de sociologia do trabalho. Bauru: Canal 6, 2013. (Projeto Editorial Praxis).

_____. **Trabalho e Subjetividade**: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo, 2011.

ANTUNES, R. L. C. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 1. ed. São Paulo, 2018.

BARZOTTO, L. C. **Novas tecnologias do trabalho**. In: REVISTA CIPA N° 475. São Paulo, abril, 2019. (Artigo Trabalho Decente - Caderno Informativo de Prevenção de Acidentes).

BRAGA, R. **A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista**. São Paulo: Boitempo: USP; Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2012.

BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. **Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros**. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). Retratos da juventude bransileira: análises de uma pesquisa nacional. 1 ed. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, p. 175-214, 2005.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 5 de outubro de 1998.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 6 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2015.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARTINELLI, M. L. (Org.). **Pesquisa qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Editora, 1999. (Série Núcleo de Pesquisa; 1).

SELLIGMANN-SILVA, E. **Trabalho e desgaste mental:** o direito de ser dono de si mesmo. São Paulo: Cortez, 2011.